MARTIN JAYO E SIMONE BIEHLER MATEOS

A NOVA CLASSE MÉDIA

Nesta entrevista exclusiva, o sociólogo e cientista político Bolívar Lamounier analisa um importante fenômeno em curso na sociedade brasileira: o crescimento da classe média, que já representa cerca de metade da população

Sociólogo com doutorado em ciência política pela Universidade da Califórnia, Bolívar Lamounier é um dos principais pensadores dos rumos da sociedade brasileira. O processo de crescimento da classe média, com a ascensão de dezenas de milhões de pessoas recém saídas da pobreza, é objeto de seu mais recente livro, *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*, escrito em parceria com o cientista político Amaury de Souza e lançado no primeiro semestre deste ano.

Lembrando que o fenômeno também ocorre em outros países emergentes, Lamounier discute nesta entrevista seus condicionantes internos e externos, e avalia que a sustentação do processo no Brasil dependerá essencialmente da capacidade do país de manter sua economia em expansão. Para isso, serão necessários avanços em áreas como educação, reforma tributária e infraestrutura.

"O PERFIL DA CLASSE MÉDIA MUDOU. ESTAMOS DIANTE DE UM MEGAPROCESSO DE MOBILIDADE SOCIAL"



Fala-se muito no crescimento da classe média no Brasil. Mas o que se entende por classe média parece ter mudado. Qual é o perfil da nova classe média em ascensão?
Sem dúvida o perfil da classe média mudou. Na verdade, estamos diante de um megaprocesso de mobilidade social. Uma parcela muito importante da chamada classe D ingressou na classe C, em termos de renda. A definição de classe C levada em conta é a mesma do professor Marcelo Neri da FGV, ou seja, pessoas com rendimentos familiares mensais entre R$ 1.115 e R$ 4.807. Estamos falando de aproximadamente 50% da população brasileira: são 80 milhões de pessoas emergentes da pobreza, que têm em comum o fato de terem elevado seu poder aquisitivo e estarem pegando gosto por consumir coisas que antes estavam completamente fora do seu alcance. Mas esta nova classe média é muito heterogênea e tem pouco em comum com aquilo que tradicionalmente se chama de classe média no Brasil, formada por funcionários públicos e profissionais liberais. No que diz respeito à escolaridade, por exemplo, as diferenças são grandes.

O fenômeno é exclusivamente brasileiro?
Esse fenômeno de surgimento de uma nova classe média está ocorrendo também na Rússia, no Irã, na China e em outros países emergentes. Por isso, ele tem de ser explicado não só por variáveis domésticas, mas também por variáveis internacionais. Há 20 ou 25 anos, a abertura das economias intensificou o comércio, acelerou o crescimento das economias, alterou padrões de consumo e tornou disponível uma gama de bens muito grande. O comércio e a riqueza mundiais cresceram muito no final do século passado, o que trouxe mudanças na estrutura interna de vários países. No Brasil, como em quase toda a América Latina, havia grandes obstáculos a esse processo, com economias fechadas e inflação alta. O continente demorou a controlar a inflação, e o Brasil foi praticamente o último país a consegui-lo. Sem isso, dificilmente teria sido possível esta ascensão das camadas sociais mais baixas, porque a inflação corroía suas rendas.

No caso brasileiro, em que medida as políticas sociais do governo Lula influenciaram o fenômeno?
A estabilização da economia, a partir de 1994, foi o fator que mais pesou. Porém, nas políticas sociais, destacaria sobretudo os aumentos do salário mínimo acima da inflação, que começaram antes e continuaram ao longo do governo Lula, e o aumento da formalização do trabalho. Embora ainda seja um escândalo o grau de informalidade da economia brasileira, o aumento da formalidade que vem ocorrendo é importante. Programas sociais, como o Bolsa Família, não têm grande peso neste processo porque beneficiam uma camada de renda inferior a essa de que estamos falando. O crescimento do crédito no Brasil teve um papel muito importante, ao aumentar o poder de compra das camadas de renda modesta. Só pela expansão do crédito e dos seus prazos é que produtos como eletrodomésticos, TVs, computadores e até automóveis passaram a poder ser comprados a prestações acessíveis. E isso se tornou possível após a estabilização a partir de 1994.

Como tem se dado o fenômeno em outros países da América Latina?
Embora se trate de um fenômeno global, na América Latina há exceções. Na Argentina, por exemplo, tem ocorrido o contrário: a classe média se contraiu por uma sequência de problemas, como atraso tecnológico, instabilidade e



RAIO X

BOLÍVAR LAMOUNIER

NASCIDO EM DORES DO INDAIÁ (MG)

SOCIÓLOGO FORMADO PELA UFMG (1964), DOUTOR EM CIÊNCIA POLÍTICA PELA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA-LOS ANGELES (1974)

FUNDADOR E ATUAL DIRETOR DE PESQUISA DO IDESP – INSTITUTO DE ESTUDOS ECONÔMICOS, SOCIAIS E POLÍTICOS DE SÃO PAULO

AUTOR DE *OS PARTIDOS E AS ELEIÇÕES NO BRASIL* (1975), EM PARCERIA COM FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

hiperinflação, que levaram à recessão. O México vinha num processo semelhante ao do Brasil, com crescimento acelerado, mas a crise de 2008 provocou perda grande no PIB e uma crise de segurança que deverá ter consequências econômicas no médio prazo.

E em vizinhos como Venezuela e Bolívia? É possível dizer que, na América Latina, o fenômeno está mais presente em países com instituições mais fortes e menos populismo?

É uma relação de mão dupla. Países com instituições fortes têm menos populismo, menos inflação, logo, a atividade econômica se organiza melhor, favorecendo o crescimento. Por outro lado, uma classe média crescente pressiona pela manutenção das instituições. Ela funciona como fator de moderação e de estabilidade das leis e das instituições, criando um círculo virtuoso.

Mas, voltando ao caso brasileiro, o nível de endividamento da população não representa um risco? A expansão do crédito teve um papel importante, mas a nova classe média que está surgindo já nasceu endividada.

Acho que no Brasil as pessoas já aprenderam a usar o crédito para bens de consumo e que já existem instituições, como a Serasa, capazes de monitorar os riscos. O endividamento pode sim representar um risco à continuidade do processo, mas só se a economia desacelerar abruptamente, aumentando a inadimplência e quebrando as empresas. Ou seja, a sustentabilidade da nova classe média depende de mantermos o atual ciclo de crescimento econômico. Manter esse ciclo, por sua vez, está vinculado a conseguirmos avanços em áreas como educação e reforma tributária.

> "UMA PARTE MUITO GRANDE DA NOVA CLASSE MÉDIA É FORMADA POR MICROEMPREENDEDORES QUE, REGRA GERAL, NÃO TÊM FORMAÇÃO SUFICIENTE PARA PROSPERAR. O PEQUENO NEGÓCIO EXIGE CAPACIDADE DE GESTÃO, É PRECISO ESTUDAR"

Na educação, temos uma oferta de baixa qualidade e uma sociedade que, de momento, está pouco organizada para aproveitá-la. Precisamos capacitar melhor os empresários e, na tributação, reduzir a carga ou melhorar a qualidade do serviço público prestado.

Pode-se dizer que há uma disparidade entre o acesso ao consumo e o acesso à educação de qualidade nessa classe média emergente?

Sim, e isso sem dúvida é um fator limitante, porque uma parte muito grande desta nova classe média é formada por microempreendedores que, regra geral, não têm formação suficiente para prosperar. O pequeno negócio exige capacidade de gestão, entender o mercado, vários aspectos que não são só tirocínio intuitivo, é preciso estudar. Há ainda outros aspectos mais sociológicos, que podem limitar a sustentação do processo de ascensão da classe média. Ter uma boa rede de relacionamentos, por exemplo, é vital para continuar subindo na escala social. As pessoas de renda baixa no Brasil, e acho que em toda a América Latina, vão de casa para o trabalho e do trabalho para casa, têm uma rede de relações muito restrita. Para promover seus interesses, é preciso participar



“EM 2006, O ELEITORADO TÍPICO DE LULA FOI A POPULAÇÃO DO NORDESTE, ENTUSIASMADA COM OS PROGRAMAS SOCIAIS. EM 2010, CERTAMENTE A NOVA CLASSE MÉDIA TERÁ UM PAPEL RELEVANTE NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL”

de sindicatos, partidos políticos, associações etc. Pessoas com baixo grau de instrução têm muita dificuldade para passar de uma rede de relações baseada só em parentesco para uma rede mais anônima. Quanto mais equipada educacionalmente e culturalmente a nova classe média estiver, mais fácil será esse salto.

Quais setores da economia tendem se beneficiar mais com oportunidades de negócio nesse processo de ascensão social?

Construção, alimentação e lazer talvez sejam os principais. Temos cada vez mais construtoras voltadas a atender a classe média emergente que anseia pela casa própria, desenvolvendo produtos e tecnologias específicos. A demanda por shows, restaurantes e viagens também está crescendo. Coisas como comer fora da residência e viajar durante as férias, antes impensáveis para famílias de renda modesta, começam a se tornar cada vez mais comuns.

É possível traçar algum paralelo entre a atual expansão da classe média e o que o Brasil viveu durante o período do milagre econômico?

Os dois períodos têm em comum o aumento acelerado da renda, que puxou muita gente das camadas mais baixas para cima. Mas aquele crescimento não foi sustentável. Foi abortado pelos choques do petróleo de 1973 e de 1979, e pela alta dos juros internacionais. A partir daí, acelerou-se o processo inflacionário, e tivemos uma década e meia que começou com recessão e se arrastou com o país patinando na armadilha do crescimento baixo com inflação alta, até 1994. Creio que o atual crescimento da economia é mais sustentável, embora possamos ter reversões temporárias, seja por choques financeiros externos, seja por atrasos em alguns investimentos. Na área de infraestrutura esses atrasos são dantescos, e o atual crescimento é claramente insustentável caso a situação se mantenha. Portos e aeroportos estão saturados e as estradas em petição de miséria, embora toda a potência agrícola exportadora brasileira dependa do transporte rodoviário.

Este é um ano eleitoral. O fenômeno da expansão da classe média deve mudar o discurso das últimas eleições, que foi muito focado no combate à pobreza?

Já estamos assistindo a uma atenuação daquele discurso. O discurso hoje é o da continuidade, porque o atual governo é bem avaliado pela população. Os últimos pleitos foram muito influenciados pelo que era percebido como o risco central no momento. Em 1994 e 1998, era a questão da inflação e da estabilidade; em 2002 e 2006, a questão social. Em 2006, o eleitorado típico de Lula foi a população do Nordeste, entusiasmada com os programas sociais. Agora, certamente, a nova classe média terá um papel relevante. ■

MARTIN JAYO,
professor da FGV-EAESP, martin.jayo@fgv.br
SIMONE BIEHLER MATEOS,
jornalista, simonemateos@gmail.com